

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

PAISAGEM E UMBANDA : ANÁLISE DA FESTA DE LARGO.

Eduardo Oliveira Miranda¹

Hellen Mabel Santana Silva²

A Geografia Cultural possui um diferencial se comparada a Geografia Física, pois permite ao homem demonstrar os valores culturais atribuídos aos objetos que compõem o espaço geográfico. Existem dois conceitos fundamentais, que sustentam esta área da Geografia: Paisagem e Cultura. O nosso artigo tem como objeto de estudo a Festa de Iemanjá, realizada no dia 2 de fevereiro de 2009 em Salvador. Fotografamos alguns momentos do festejo, e a partir dessas imagens realizamos uma descrição detalhada, o que caracteriza um dos objetivos. O outro objetivo é identificar os motivos pelos quais alguns terreiros foram até o Rio Vermelho homenagear Iemanjá.

Palavras-chave: Festa de Iemanjá, Paisagem, Cultura.

A Geografia Cultural deixou de ser apenas descritiva, passando a valorizar as percepções das pessoas acerca do lugar vivido e de suas experiências. Na Geografia Tradicional, por exemplo, ao analisarmos um rio de uma determinada cidade, deveríamos levar em consideração apenas seus aspectos ambientais. Mas, a partir do

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); endereço eletrônico: eduardooliveiramiranda@gmail.com.

² Graduando do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); endereço eletrônico: hellenmabelss@gmail.com.

momento que é valorizado as percepções e os significados que os homens atribuem aos objetos (componentes do espaço), a memória e a cultura, itens fundamentais para a Geografia Cultural, passam a ganhar destaque e importância, como afirma Claval (2008, p.18) :

Na primeira metade do século vinte, os geógrafos trabalhavam a partir das realidades concretas: paisagens, campos, casas, homens, animais, vegetais, ferramentas, máquinas, carros, produtos, etc. Os especialistas das representações colocavam no centro de suas preocupações as atividades mentais, mas eles poderiam estudá-las através de discursos, narrativas, textos, imagens, pinturas, isto é, dos objetos materiais. A passagem do mundo real às imagens mentais constitui um problema epistemológico maior, mas ela não transforma as rotinas do pesquisador. Substituir a realidade pelas imagens e narrativas que elas inspiram não modifica completamente os métodos da disciplina: ela sempre trata de conjuntos de objetos que devem ser classificados e hierarquizados; a sua essência é tipológica, mais que explicativa ou interpretativa.

A ciência geográfica ganha um novo impulso, tendo em vista que o trabalho com subjetividades permite o reconhecimento acerca do imaginário dos indivíduos. Torna-se conhecível os valores que os homens de um mesmo grupo social atribuem a um determinado objeto.

Temos na Geografia o conceito de paisagem, o qual é fundamental para auxiliar no estudo da Geografia Cultural. Paisagem seria a representação da dinâmica da sociedade, como afirma Cavalcanti:

Uma composição mental resultante da percepção de uma seleção e estruturação subjetiva a partir da informação emitida pelo entorno, mediante o qual este se torna compreensível ao homem e orienta suas decisões e comportamentos. (1998, p.13)

No texto de Cavalcanti (1998) percebe-se o destaque atribuído a “percepção”, a qual é imprescindível na análise da paisagem, ou seja, cada indivíduo vai observar a paisagem e extrair dela o que for do seu interesse, o que for de acordo com a sua cultura, com a sua identidade.

Após realizarmos uma síntese desse conceito, podemos entender a sua utilização no campo de estudo do nosso trabalho, que é a festa de Iemanjá. Tal manifestação ocorre no dia dois de fevereiro, no bairro Rio Vermelho em Salvador.

A homenagem tem origem com a entrega de presentes pelos africanos a Mãe de Todas as águas, como explicita Ferreira:

(...), sua origem remontando aos presentes á Mãe d’água no século XIX, descritos por Carneiro (1977). Estes presentes eram levados à grande Mãe pelos africanos e seus descendentes. A festa, atualmente, ocorre no bairro do Rio Vermelho, orla de Salvador, motivada pela devoção de pescadores à divindade marinha; a data dois de fevereiro, como em outras festas realizadas ao longo do litoral, refere-se a figura da Mãe d’água e Nossa Senhora das Candeias cuja celebração é feita nesse dia. (2003, p 110)

Este ano tivemos a oportunidade de estar presente e visualizar a dimensão do festejo. Encontramos um espaço multicultural, pois conseguimos identificar quatro religiões presentes na festa: Católica; Evangélica; Candomblé; Umbanda. Cada uma com seus objetivos específicos.

No presente artigo vamos focar os nossos estudos nas religiões afro-brasileiras, principalmente na Umbanda. Dois são os objetivos de estudos. O primeiro deles é fruto das nossas observações e percepções da paisagem da festa, com o auxílio de fotografias e consiste em realizar uma descrição densa das imagens, priorizando a territorialização espacial das manifestações culturais.

O segundo objetivo foi produzido devido às inquietações levantadas no momento do festejo, sobretudo pela nossa curiosidade em saber qual o significado dado pelos centros religiosos e seus seguidores ao ato de homenagear Iemanjá. Sendo assim, investigamos os motivos que impulsionaram um determinado grupo religioso de Feira de Santana a sair de sua cidade para participar da festa em Salvador.

Metodologia

Este artigo possui um cunho qualitativo. Com base nisso, foi realizada uma entrevista com algumas pessoas que participaram da festa de Iemanjá em Salvador. Em um primeiro momento foi feito um levantamento bibliográfico a fim de ampliar o nosso conhecimento sobre os principais temas do trabalho: paisagem; Umbanda; cultura; geografia cultural; festa de Iemanjá.

Em um segundo momento, voltamos a analisar as imagens registradas no Rio Vermelho, com o intuito de lembrarmos as nossas percepções e inquietações no dia do festejo. Num terceiro momento fomos à sede dos terreiros de Feira de Santana, a Fenacab. A visita buscou investigar quais os centros religiosos participaram da homenagem a Iemanjá.

O quarto e último momento consistiu na entrevista com membros do Centro de Iemanjá Umbandista Mãe Liu.

Paisagem: descrição da festa

O conceito de paisagem é um dos mais antigos da Geografia. Ele possui uma importância relevante, visto que passou por todos os pensamentos geográficos ao longo da história, o que lhe permitiu uma variedade de interpretações.

Os geógrafos, em sua maioria, possuem dificuldade em relacionar “ Ser humano, natureza e cultura”. A partir do momento que o homem passou a modificar a natureza, já trazia consigo intenções as quais deram início ao processo cultural, como destaca Risso apud Sauer: “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado.” (1998, p.59)

Com a relação “ser humano, natureza e cultura” estabelecida, fica mais fácil entender que a modificação do espaço não é algo natural, e sim cultural, com intencionalidades e símbolos. A cultura seria o elemento que agindo sobre o meio natural, resulta na paisagem cultural (Rossi apud Maximiano, 2004, p.87).

A Geografia Cultural prioriza os aspectos subjetivos, os sentimentos, os valores, as identificações, as percepções. Para tanto, entendemos que a melhor maneira de trabalhar com o conceito de paisagem se faz com a ajuda de fotografias, já que possibilita

discutirmos situações que não serão repetidas. A imagem, apesar de não capturar todos os elementos da paisagem, nos remete ao passado e faz com que o conceito de Milton Santos seja concretizado: “Tudo aquilo que vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (1998, p.61)



Fig. 1 – Roda de Capoeira

As imagens capturadas pelas nossas lentes demonstram os mais variados interesses de distintos grupos sociais na manifestação. Encontramos vários grupos de capoeira, os quais utilizam o espaço da festa para demonstrar sua arte. Ao analisar a figura 1, percebemos que no momento a música era presença marcante, tendo em vista que visualizamos pessoas praticando o esporte afro descendente ao som do berimbau e do pandeiro. A leitura dessa imagem nos coloca imediatamente no dia 2 de fevereiro de 2009, no Rio Vermelho, como descreve Ferreira:

A utilização da fotografia, nesse caso, possibilita uma interatividade muito forte, implica um movimento que envolve as festividades, as pessoas fotografadas e outras tantas que, porventura, tenham acesso ao material produzido, pela quase sedução que este recurso provoca. Como evocadora de

lembranças e restauradora da memória, a imagem fotográfica não registra som, a música-atributo somente a outros tipos de recurso-, entretanto ela é capaz de comunicar sua presença mesmo quando, na imagem, não existem indícios materiais do fenômeno musical. Apesar disso, as leituras que a fotografia propicia remetem não somente para o visível, mas também, e principalmente, para o sensível. (2004, p.28)

A festa de Iemanjá tem uma estrutura que envolve tanto o poder público, quanto o privado. É atribuído a festa um caráter econômico, já que são montadas barracas de venda de comidas e bebidas, camarotes com vista privilegiada do festejo. Outro fator econômico é a venda de flores e outros objetos que representam uma renda extra para as famílias de baixa renda:

Na festa de Iemanjá tiro um bom dinheiro, porque vendo as flores e bebidas. As flores custam mais do que no resto do ano. Vendo uma rosa por R\$ 3,00 para quem é daqui. Para os de fora chego a vender por R\$ 6,00.³

Na maioria das festas de largo da Bahia, ocorre a mistura entre o sagrado e o profano. No nosso campo de estudo não foi diferente, já que enquanto os fiéis e os terreiros realizavam a sua homenagem a rainha das águas, outro grupo fazia um percurso pelas ruas do bairro acompanhando a banda de pagode Psirico(fig 2-3). A apresentação da banda tornou necessária a presença da polícia militar para garantir segurança a todos os presentes. Neste dia encontramos um ambiente seguro, diferente dos dias comuns. Pareceu-nos que o governo municipal e estadual investem massivamente neste evento, já que a festa é vendida para vários países. Identificamos muitos grupos de turistas tanto do Brasil, quanto de outros países.



Fig. 2 – Trio da banda Psirico durante a festa de Iemanjá.

³ Maria Cleide, vendedora ambulante.



Fig. 3 – Trio da banda Psirico durante a festa de Iemanjá.



Fig. 4 – Trio da banda Psirico durante a festa de Iemanjá.

O interessante em estudar uma festa realizada em um centro urbano é poder visualizar e investigar as variações de valores atribuídos a um mesmo território. Alguns grupos

sociais pensam, percebem e concebem os lugares que consideram importantes para a sua cultura. Para alguns dos nossos entrevistados, o Rio Vermelho só tem prestígio nesse dia da festa. No decorrer do ano é visto como uma praia qualquer, a qual não possui nenhum significado especial. Entendemos que essas pessoas se identificam com a espacialização dos signos ali encontrados.

No entanto, para outros participantes o Rio Vermelho é a extensão dos seus terreiros, pois os devotos de Iemanjá identificam qualquer área litorânea como seu lugar, como seu território: “Onde eu chegar e tiver água do mar, me sinto em casa, me sinto no meu centro religioso. Faço as minhas orações agradeço a minha mãe Iemanjá. Não importa se é dia 2 de fevereiro, o importante é homenagear minha mãe.”⁴

Apesar da modernidade e das características econômicas atribuídas à festa de largo, festividade no dia 2 de fevereiro ainda é sustentada fortemente pela fé. É perceptível a existência da fé no dia do festejo. São inúmeros grupos de candomblé e Umbanda que prestam homenagens.

Cada terreiro leva seus balaios (fig. 4) com variados objetos (perfumes, flores, bonecas, velas, bijouterias, ouro, pedras preciosas, etc.) para serem depositados nos barcos, os quais entregam os presentes em alto mar.



Fig. 5 – Balaios com presentes sendo levados por fiéis.

⁴ Floraci Almeida Gonçalves, dona de casa e integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu.

Entendemos por fé o mesmo que Abbagnano (2004, p.431), “[...] crença religiosa, como confiança na palavra revelada”. E conclui: “[...] enquanto a crença, em geral, é o compromisso com uma noção qualquer, a fé é o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade.” Com isso, tem-se a fé como algo extremamente espiritual, que só consegue sentir aquele que acredita e vive aquela realidade.

Uma das características fortes naquele ambiente é a liberdade de expressão. É um momento no qual os fiéis das religiões afro descendentes (que geralmente são marginalizadas) não possuem medo de expressar a sua fé. É um dia em que as relações hegemônicas são abaladas, pois os padrões étnicos são resignificados e os grupos subalternizados historicamente reafirmam suas identidades:

No dia-a-dia eu não conto para as pessoas que sou devota de Iemanjá. Não conto que sou filha de santo, que frequento um centro de Umbanda. As pessoas vão me olhar diferente. Não tenho vergonha da minha religião, mas não quero sofrer preconceito no meu trabalho.⁵

As homenagens são realizadas durante todo o dia. Alguns preferem entregar os seus presentes nos balaios que ficam dentro da casa de Iemanjá. Para isso, devem entrar na fila, de alguns metros, que se forma na orla (fig. 5).



Fig.6 – Fila para entrega de presentes.

⁵ - Ivonete da Silva Lima ,dona de casa e integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu

Segundo Ferreira:

Desde as primeiras horas do dia 2 de fevereiro, já há uma grande fila dos adeptos dos Orixás levando os seus presentes preferidos pelas deusas; seja em agradecimento, seja por solicitar algo: são flores, muitas flores. (2004, p.110)

Outros fiéis entregam pessoalmente os seus presentes. (fig. 6)



Fig. 7 -

Muitos deles relataram que não importa se os presentes estarão nos balaios que saem da igreja, pois o que interessava era presentear Iemanjá. Para eles o que importa é o respeito e carinho com a mãe das águas.

Com a nossa participação e as fotografias da festa, constatamos que a homenagem do dia 2 de fevereiro já faz parte da memória coletiva de muitos grupos sociais, o que

permite a reprodução da festa no tempo e espaço social, o que acentua a necessidade de valorização e respeito às identidades daqueles que tem a festa como um dia de agradecer e/ou agradar os seus orixás.

Centro de Iemanjá Umbandista Mãe Liu: fé e devoção

A Umbanda é resultado da fusão de práticas e elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, indígenas, católicas, kardecistas. Justamente por conta dessa mistura de influências e características é que os seus seguidores a concebem como uma nova religião, algo que carrega um pouco de cada sincretismo, mas que muitas vezes o adapta e redimensiona como explica Silva (1994, p.112):

A umbanda constitui-se, portanto, como uma forma religiosa intermediária entre os cultos populares já existentes. Por um lado, preservou a concepção kardecista do carma, da evolução espiritual e da comunicação com espíritos e, por outro lado, mostrou-se aberta às formas populares de culto africano. Contudo, não sem antes purificá-las, retirando os elementos considerados muito bárbaros e por isso estigmatizados: o sacrifício de animais, as danças frenéticas, as bebidas alcoólicas, o fumo e a pólvora. Ou, então, quando se fazia necessário o uso desses elementos, explicando-os “cientificamente”, segundo o discurso racional do kardecismo.

A origem da Umbanda data de meados das décadas de 1920 e 1930, predominantemente nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo posteriormente disseminada por todo Brasil e considerada uma religião brasileira.

Um dos nossos objetivos de trabalho consistia em investigar os motivos pelos quais grupos e/ou terreiros saem de suas cidades para homenagear Iemanjá em Salvador no dia 2 de fevereiro. Durante a pesquisa encontramos um grupo de Umbanda que a cada 2 anos viajam para participar do momento de adoração à rainha das águas. No ano em que não festejam no Rio Vermelho, o centro organiza uma festa no próprio terreiro seguindo os ritos de orações, presentes, pedidos e homenagens.

Liderado por Maria de Lourdes Figueiredo Oliveira - Mãe Liu, o Centro de Iemanjá Umbandista Mãe Liu é composto por homens e mulheres que dedicam parte dos seus tempos ao culto a Iemanjá. A ida à festa acontece às 4:00 horas da manhã e é antecedida por um preparação da líder e de suas filhas de santo, uma espécie de espiritualização com flores e perfumes. Tal ritual possui certa importância para os participantes da festa. Há uma preocupação com o preparo material (escolha da cor da roupa a ser usada na festa, de acordo com seu orixá de frente, ou com alguma cor que

simbolize Iemanjá) , até o preparo espiritual, onde o foco é na purificação da mente e da alma para o encontro com a deusa do mar:

Não se pode entrar no mar sem uma preparação, uma licença dada por nossa mãe de santo, de corpo aberto. Tem que se preparar, entender que ali é um local sagrado, tem que ter respeito. ⁶

Apesar de se identificarem intensamente com o Rio Vermelho, os participantes não possuem objeção em festejar em outras praias, ou até mesmo em rios:

Podemos ir para rios, como já fomos para o rio Jacuípe. Poderia ser em Madre Deus, ou qualquer outro lugar com água. Gostamos de ir para Salvador pra participar da festa com outros grupos, é uma festa maior. E lá nós já vemos todas as características de Iemanjá, chegamos e sentimos a festa. Lá já tem a estrutura, o lugar de “arriar” o balaio. Nós gostamos muito. ²

O respeito e a fé são as questões mais defendidas pelos integrantes, sobretudo porque eles entendem que se tratam de pré-requisitos essenciais para o culto a Iemanjá. Os presentes são preparados com certa antecedência e esmero, todos organizados em balaio, os quais são levados por rapazes do grupo- chamados Ogans - até alto mar, antes do meio-dia.

O ato de entregar flores é caracterizado por um carinho peculiar que denota o simbolismo e a fé inseridos ao objeto:

A forma de a gente não querer jogar uma flor, é porque não podemos simplesmente jogar. Vamos pegar aquela flor, beijar, fazer nosso pedido com todo respeito, entregar a ela como eu entregaria a minha mãe física. Um presente não se joga. ¹

Durante os relatos a palavra emoção foi citada inúmeras vezes, talvez por todos eles demonstrarem uma devoção inabalável à entidade. Mãe Liu – a mãe de santo dos integrantes e líder do centro – também é reverenciada pela atenção e carinho com que recebe os seus filhos e ajuda na vida de cada um.

Os filhos dos devotos convivem desde cedo com a cultura e os ritos, são preparados com a água de Iemanjá e participam das festas no terreiro representando orixás. As mães buscam ensinar o respeito à religião.

A liberdade em andar ornamentado, em grupo e carregando flores pelas ruas do Rio Vermelho é outra razão de imensa emoção:

⁶ Ivonete da Silva Lima ,dona de casa e integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu

² Maria José Ferreira Pereira, Agente de Saúde e integrante do Centro de Iemanjá de Umbanda Mãe Liu

O que eu mais gosto é de poder andar toda de branco pelas ruas sem sentir que outros me olham com preconceito. É uma coisa que eu não vou poder fazer aqui, nas ruas daqui. Estar com o grupo, com minha mãe, orando, cantando e levando os presentes e muito bom. A gente fica querendo que chegue logo o outro ano pra fazer tudo de novo.⁷

De forma geral, a impressão que nós tivemos é de que a festa é um momento único, onde todos buscam demonstrar a fé e força que Iemanjá possui em suas vidas. Seja entregando um presente, orando ou agradecendo as graças obtidas, o simples fato de estar no Rio Vermelho no dia dois de fevereiro, durante algumas horas, é uma oportunidade de renovar a energia e festejar a deusa das águas.

Considerações Finais

O diálogo entre geografia e cultura amplia as possibilidades de valorização das espacialidades da sociedade. O saber sobre a natureza associado ao saber sobre o homem e suas vivências, condiciona ao entendimento da paisagem cultural construída diariamente pelos sujeitos.

Ao passo em que observamos e sentimos a paisagem e seu conjunto de formas, nos é dada a possibilidade de adentrar dimensões que estão para além do óbvio, do que está concretamente exposto aos nossos olhos. Somos chamados a entender posturas, identidades, concepções e tantos outros fatores possíveis de estudo e análise.

A festa de Iemanjá é uma manifestação cultural que modifica a paisagem habitual do bairro Rio Vermelho, em Salvador, inserindo elementos, pessoas, objetos, sentimentos, sons e cores. Para além disso, a dimensão que as festas públicas de religiões afro-brasileiras possuem constitui uma das principais razões para o aumento da visibilidade social no espaço público e, porque não dizer, uma tentativa de quebra do preconceito comumente disseminado. No momento da festa todos comungam de uma só coisa: a fé. As linguagens corporais, religiosas e simbólicas são expostas e festejadas, os valores reafirmados, a identificação com o lugar também se reafirma e a tradição permanece firmada na sociedade.

⁷ Maria José Ferreira Pereira, Agente de Saúde e integrante do Centro Iemanjá Umbandista Mãe Liu

Referências Bibliográficas:

CAVALCANTI, L. *Geografia, escola e construção do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1998.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. *Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades*. Revista Espaço e Cultura, n. 23, Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Edson Dias. *Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia: São Salvador*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado (Doutoramento em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

RISSO, Luciene Cristina. *Paisagens e Cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica*. Revista Espaço e Cultura, n.23, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SERPA, Ângelo(Org.). *Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005